

AS ANCESTRALIDADES FEMININAS SHANENAWA: LINGUAGENS, IDENTIDADES, ESPIRITUALIDADES E SABERES COMO HERANÇA

SHANENAWA FEMALE ANCESTRALITIES: LANGUAGES, IDENTITIES, SPIRITUALITIES AND KNOWLEDGE AS INHERITANCE

Shelton Lima de Souza¹
Maria Abijicélia Brandão da Silva Shanenawa²

RESUMO

Este texto é uma proposta de análise sobre questões que envolvem traços de ancestralidades femininas do povo Shanenawa (família linguística Pano) em que, assim como os homens, as mulheres são tidas como bibliotecas vivas para esse povo. Nesse sentido, as anciãs e os anciãos são guardiãs e são guardiões dos saberes Shanenawa. Para esses indígenas, a vida está na palavra compartilhada entre pessoas mais velhas e gerações mais novas. Para dar um enfoque na análise, centraremos a discussão nas práticas sociais da matriarca Shanenawa Peyrani que, enquanto mulher, foi responsável por ensinar um conjunto de gerações a produzir linguagens relacionadas a artes do corpo, a pinturas, a cultivos de roçados, a saberes da terra, a saberes da e sobre a água e a saberes da e sobre as matas. A pesquisa-base deste trabalho seguiu uma abordagem qualitativa em que foram discutidas as memórias da própria matriarca Peyrani que foram relatadas à sua neta, Matsiani Shanenawa, uma das autoras deste artigo. As informações obtidas foram registrada em diário de campo e em materiais didáticos que atualmente são utilizados pelos Shanenawa para estudar a língua e as culturas do povo. Alguns dos resultados mostram que, assim como os homens, as mulheres Shanenawa são produtoras de saberes que são passados de geração a geração, por meio de produção de sentidos que são reconfigurados de acordo com as necessidades dos Shanenawa, tendo a anciã Peyrani como um dos pilares da construção de sentidos de produções socioculturais contemporâneas, por meio de produções de linguagens e formação de identidades Shanenawa.

¹ Doutorado em Linguística (2017) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Acre/FAPAC/CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0189097197608498>. Orcid: <http://lattes.cnpq.br/0189097197608498>. E-mail: shelton.souza@ufac.br.

² Pedagoga, professora na Escola Tekahayne Shanenawa e mestra em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI da Universidade Federal do Acre/UFAC. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4032-1197>. E-mail: maria.shanenawa@sou.ufac.br.

Palavras-chave: Ancestralidade; Linguagens; Shanenawa; Matriarca Peyrani

ABSTRACT

This text is a proposal for analysis of issues involving female ancestry traits of the Shanenawa people (Pano linguistic family) in which, like men, Shanenawa women are seen as living libraries for the Shanenawa people. In this sense, the elders are guardians of the knowledge of these people. For the Shanenawa indigenous people, life is in the word shared between older people and younger generations. To focus on the analysis, we will focus the discussion on the social practices of the matriarch Shanenawa Peyrani who, as a woman, was responsible for teaching a group of Shanenawa generations to produce languages related to body arts, paintings, plants cultivation, knowledge of the earth, knowledge of and about the water and knowledge of and about the forests. To gather the information present in the article, the memories of the matriarch Peyrani herself will be discussed, which were reported to her granddaughter, (one of the authors of the text), one of the authors of this article. Some of the results of this article show that, just like men, Shanenawa women are producers of knowledge that is passed from generation to generation, through the production of meanings that are reconfigured according to the needs of the Shanenawa, with the elder Peyrani as one of the pillars of the construction of meanings in contemporary sociocultural productions, through language productions and the formation of Shanenawa identities.

Keywords: ancestralities, languages, Shanenawa, Peyrani matriarch

Introdução

As anciãs e os anciãos Shanenawa, bem como os já falecidos – que compartilharam seus conhecimentos com pessoas de gerações mais novas por meio de práticas de oralidades – são tidos como bibliotecas vivas para o referido povo. São guardiãs e guardiões dos saberes do povo. Essa questão tem relação com o que Albuquerque e Sousa (2016) afirmam ter a perspectiva de que “Esses saberes [no caso os saberes Shanenawa] dependem de uma certa ordem cultural local posto que diferem de sociedade para sociedade, de uma geração à outra, bem como diferem em suas regras de ação e seus modos de proceder” (ALBUQUERQUE; SOUSA, 2016, p. 233). Para o povo Shanenawa, a vida está na palavra compartilhada – oralmente e hoje por meio de culturas escritas – entre mulheres anciãs e homens anciãos e as gerações consideradas mais novas por meio do uso da linguagem para a produção de saberes e de sentidos.

Os Shanenawa estão situados na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, cidade de Feijó/AC. O nome Shanenawa significa *Shane* que é um “pássaro azul” e *nawa* que significa “povo”, ou seja, “Povo do Pássaro Azul”, pertencente à família linguística Pano. Desse modo, este artigo, além de ser uma proposta de análise de traços de ancestralidades femininas em contexto Shanenawa, é também uma forma de homenagear a matriarca Peyrani Shanenawa por meio de registro escrito considerando as culturas escritas – às quais os povos indígenas têm acesso contemporaneamente. Além disso, por meio deste texto, é possível ter um olhar sobre as produções linguístico-identitárias e socioculturais femininas Shanenawa, na figura de Peyrani, bem como de pessoas Shanenawa que se relacionam e se relacionaram com Peyrani e com outras mulheres Shanenawa.

Além das questões apontadas no parágrafo anterior, este texto tem a seguinte questão de pesquisa: de que forma a matriarca Peyrani Shanenawa influenciou a produção sociocultural e linguística dos Shanenawa, principalmente na contemporaneidade? Para se discutir essa problemática, a pesquisa-base que deu origem a este trabalho objetivou analisar, por meio dos registros das memórias produzidas por Peyrani a Matsiani Shanenawa, sua neta (criada como filha), as influências dos conhecimentos relatados nas formas de produções culturais historicamente constituída entre os Shanenawa. Para discutir esse objetivo e, assim, desenvolver a análise constante neste artigo, desenvolveu-se uma pesquisa com abordagem qualitativa com técnicas de registros de memórias narradas em diário e em materiais didáticos que são utilizados, atualmente, nas escolas Shanenawa.

Nesse sentido, as memórias, narradas por Peyrani, estão imersas no que Portelli chama de história oral. Para esse autor:

A expressão "história oral" é uma abreviação comum para aquilo que descreveríamos, de maneira mais articulada, como o uso de fontes orais na História ou nas Ciências Sociais (Bosio, 1975). Em sua forma mais elementar, as narrativas orais e os testemunhos que constituem a história oral não são mais do que uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador - e, assim, estão sujeitas ao mesmo escrutínio crítico que todas as outras fontes, a fim de averiguar sua confiabilidade e usabilidade. (Portelli, 2016, p. 9).

De acordo com o apontamento de Portelli, no excerto em destaque, as fontes orais são elementos importantes para se discutir histórias ou, mais particularmente, formações históricas que, no caso de Peyrani, suas memórias relatadas em formas de narrativas são consideradas fundamentalmente importantes para o povo Shanenawa.

Considerando que este texto é um artigo, gênero do discurso que, tradicionalmente, não era conhecido pelos Shanenawa e, portanto, não produzido por esse povo, trata-se de uma produção linguística inventada pelos Nawa (não indígenas na língua Nuke Tsây) que está sendo utilizado por pessoas Shanenawa, principalmente no âmbito acadêmico, mas também em outras esferas sociais (Pesca; Fernandes; Kayapó, 2020).

Tendo em vista que a forma de transmissão de conhecimentos das pessoas Shanenawa era por meio de produções orais, como conversas, diálogos, contações de histórias e narrativas sagradas, além de outras formas de discursos orais, como a produção de linguagens relacionadas a artes do corpo, a pinturas, ao cultivo e a produções de sentidos, a saberes da e sobre a terra, a saberes da e sobre as águas e a saberes da e sobre as matas, as memórias relatadas pela matriarca Peyrani, se torna uma forma de registro importante e considerável para pessoas Shanenawa, para membros de outros povos e para não indígenas.

A cultura escrita não costumava fazer parte das necessidades indígenas, e, contemporaneamente, tem-se entendida e exercitada a estratégia de garantir registros escritos, o que não impede que as produções languageiras orais deixem de existir, como discutem Pesca; Fernandes; Kayapó (2020, p. 188):

As mudanças contextuais que levam à necessidade de que diferentes elementos sejam inseridos com vias de fortalecimento, não apagam e nem desconsideram o valor de elementos importantes da cultura tradicional. Desse modo, pensarmos a escrita como instrumento desse diálogo, não é colocá-la acima da oralidade, uma vez que reconhecemos que esta última é marca ancestral e precisa continuar ocupando seu lugar de valorização. Assim, trazer a escrita para o centro dessa discussão é aliá-la também à linguagem oral, equacionando novas perspectivas que acolhem a voz já existente de um povo por muito tempo silenciado, cujas vozes eram sempre trazidas por outrem. (Pesca; Fernandes; Kayapó, 2020, p. 188).

A abordagem de Pesca; Fernandes; Kayapó (2020) deixa evidente que as produções escritas não substituem as oralidades nos contextos de produções de conhecimentos indígenas. Nessa situação, alguns indígenas Shanenawa, sobretudo no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade/PPGLI da Universidade Federal do Acre/UFAC, cursaram o mestrado (Barbosa, 2022; Shanenawa, 2022; Shanenawa, 2024), e, nesses trabalhos, discutem a produção de sentidos construída por mulheres parteiras Shanenawa (Barbosa, 2022), bem como as oralidades nas produções da língua materna, Nuke Tsãy, em relação ao que esses indígenas chamam de Nawa Tsãy, o português, em situações de práticas plurilinguísticas (Shanenawa, 2022) que são comuns na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, território em que se situam as comunidades Shanenawa, além de discussões em torno da formação de professores indígenas Shanenawa (Shanenawa, 2024) no que concerne a componentes curriculares desenvolvidos em escolas na Terra Indígena mencionada.

Compreendemos que esses resultados de pesquisa produzidos por pessoas Shanenawa articulam e garantem o entendimento de diferentes aspectos que se colocam na relação intercultural (Baniwa, 2017) de uma mulher Shanenawa que aprendeu conhecimentos de seu povo por meio de oralidades, no sentido de que a dissertação Shanenawa (2024) foi produzido por uma mulher, em que se registram aspectos e histórias do povo e culturas, narrados por anciãs, entre elas Peyrani, além de outras anciãs e anciãos.

Memórias e produções languageiras Shanenawa: ancestralidades femininas

No campo da importância das memórias Shanenawa, Peyrani, Maria Iraci Brandão, nasceu no dia dezesseis de março de mil novecentos cinquenta e cinco, no Seringal São Francisco, no município de Feijó/AC. Foi a filha mais velha de Bruno Brandão com Maria Nazaré Brandão, tendo quatro irmãos. Peyrani faleceu em 2015 na aldeia Morada Nova, vítima de câncer de intestino. Ela era, na perspectiva dos Nawa, analfabeta e foi casada com João Bertulino Gomes Artur Katukina. Juntos tiveram seis filhos: Yuva, Nãy Kasha, Tamawã, Yxapãã, Sina e Ruahu³.

³ Nãy Kasha é aposentada e casada com Francisco Shanenawa. Juntos tiveram nove filhos que são: Eudo Carlos, Edileuda, Iracilda, Cileudo, Cleudo, Cleudes, Cledileuda, Claudinê e Clediane. Yuva é comerciante

Matsiani Shanenawa é neta de Peyrani e foi criada por ela, tendo em vista que sua mãe biológica, Yxapãñã não pôde criá-la. Ela lembra de muitas histórias que vivenciou juntamente com sua avó, cujos conhecimentos adquiridos são produzidos, sobretudo neste artigo, por meio de traços de suas memórias. Para Bosi (1994), as memórias, embora essa autora não esteja falando de pessoas indígenas, é constituída por lembranças desenvolvidas por crianças em relação a adultos:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivia, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (Bosi, 1983, p. 39).

Assim como as crianças relatadas por Bosi, os Shanenawa têm o hábito de ouvir com muita atenção as histórias que os mais velhos contam que são repassadas de geração em geração por meio de oralidades – agora com registros em escrita – e de diferentes configurações e reconfigurações que se constituem a depender de quem conta e produz as memórias. As histórias Shanenawa são compostas por elementos que envolvem a vida desses indígenas, que vão desde a intensa relação com a natureza e as relações que se fizeram ao longo da história com outros povos, inclusive com os Nawa. Por meio dessas lições, ensinam-se às crianças, por exemplo, os conhecimentos, as vivências e as sabedorias de valores, de lições às crianças, aos jovens e aos adultos Shenenawa.

Meliá (1979) afirma que, em processos ao longo da vida, os indígenas aprendem em espaços e em tempos educativos próprios, sendo de responsabilidade coletiva, pois tem como fundamento o que é considerado como tradição⁴ e a memória coletiva atualizada constantemente nas palavras das pessoas mais velhas. Hoje, os jovens vêm

na cidade de Feijó, casada com José Carlos e tem dois filhos antes de seu casamento que são Gildecia e Alberi. Junto com seu esposo, tiveram seis filhos que são: Jhonata, Tailane, Tairine, Railane, Jonatan e Braian. Tamãwa é professora na escola Tekahayne Shanenawa (escola na aldeia Morada Nova na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa). Ela já foi casada com Francisco Alves, juntos tiveram quatro filhos, que são: Hosne, Osleane, Diógenes e Artur. Yxapãñã³ é professora na escola Tekahayne Shanenawa. Ela é viúva de José Sebastião, e juntos tiveram cinco filhos: Maria Abijicelia, Erick, João Paulo, Erikson e Erison. Sina é Agente de Saúde Indígena na aldeia Morada Nova. Ele já foi casado com Valda e juntos tiveram duas filhas: Kaila e Alberline. Ruahu é professor na escola Tekahayne Shanenawa. Ele é casado com Madalena e juntos têm três filhos: Inessa, Fabiola e Fabricio sobreviventes de 11 filhos que tiveram.

⁴ Nessa perspectiva, sem desmerecer a luta dos povos indígenas, pelo contrário, consideramos que as tradições são produtos discursivos que os povos se utilizam para marcar posições entre as construções de sociabilidades e manter suas existências. (Hobsbawn; Ranger, 1997).

pesquisando e estão valorizando os conhecimentos das anciãs e dos anciãos nas aldeias mantendo, dessa forma, maneiras de produções de sentidos do que é considerado culturalmente tradicional entre os Shanenawa (Barbosa, 2022, Shanenawa, 2022, Shanenawa, 2024).

Peyrani, além de ter tido filhos e os ter criados, também criou netos: Eudo, Gildecia, Alberi, Hosne, Osleane, Matsiani, João Paulo e Erison, criando também seu bisneto Breno. Com uma quantidade grande de filhos e de netos, Peyrani, antes de falecer, produziu uma série de sentidos sobre o que hoje é considerado culturas Shanenawa. Nesse sentido, de acordo com Perrot (2007, p. 27), “em virtude de sua posição na família, há mais chances de encontrar vestígios das mulheres nos arquivos privados. Por definição, o *status* desses arquivos foi e continua a ser necessariamente incerto”. E, para entender a função desses arquivos privados, é necessário verificar os relatos como Peyrani começou sua vida conjugal com João Bertulino (Yawa) para construir sua família.

Peyrani e Yawa: formas de relações entre homens e mulheres Shanenawa com outros povos ou com os Nawa

De acordo com Peyrani, relatado a Matsiani Shanenawa, os pais davam suas filhas à força (sem o consentimento delas) para homens trabalhadores, para caçadores e para pajés, entre outros homens com atividades diversas, desde a barriga da mãe. Quando uma mulher Shanenawa engravidava, algum rapaz se dirigia à casa da mulher para firmar o casamento com a pessoa que iria nascer, se fosse mulher. Os pais aceitavam, mas o rapaz tinha que fazer roçado, pescar, caçar para sustentar a criança ainda na barriga da mãe. Quando a criança nascia, se fosse menino, o rapaz pretendente não fazia mais nada, deixava de trabalhar nesse contexto. Sendo menina, ele continuava realizando as atividades para a família da criança – que já era criada como sua – para crescer e, quando ela começava a menstruar, os pais davam-na para o rapaz e, assim, criavam-se situações para que a menina se acostumassem com seu futuro marido.

Entretanto, contemporaneamente, o povo Shanenawa modificou suas formas de ação no que se refere às relações entre homens e mulheres, principalmente no tocante a envolvimento de afetividade que, por ventura, podem levar a formas de procriação.

Nessa perspectiva, as meninas e os meninos escolhem seus pretendentes para casar e não mais os pais. Para Perrot (2007, p. 46):

Não é simples manter-se na condição de jovem solteira, com as restrições do corpo e do coração, quase sem liberdade de escolha quanto a seu futuro, seus projetos amorosos, exposta à sedução, à maternidade indesejada, impedida de procurar o pai da criança pela lei napoleônica, relegada à solidão e ao abandono. (PERROT, 2007, p.46).

Dessa maneira, levando-se em consideração o que aponta Perrot, Peyrani “não teve liberdade para escolha de seu futuro”. Fakaynu, seu pai, era cacique e não fugiu da “tradição” Shanenawa. Fakaynu pegou Peyrani e a deu para Yawa, porque era considerado um homem muito sábio no tocante a ervas medicinais, além de ser caçador e pescador. Para convencer Fakaynu, Yawa falou que Peyrani não iria passar fome. Fakaynu pegou Peyrani pelo braço, ainda criança, e ela chorando, mandou deitar na rede com Yawa. Passou quase três meses para se acostumar com o então marido. Subia no punho da rede, ficava lá chorando para não encostar em Yawa. Quando cochilava, ela soltava o punho da rede, e, quando acordava, voltava para o mesmo lugar. Ao longo do tempo se acostumou com Yawa, contudo, segundo Peyrani, ela somente se acostumou com o então marido, porque Fakaynu passou um tipo de remédio no corpo de Peyrani e, com isso, ela conseguiu viver até o final de sua vida com Yawa.

A relação de Peyrani com Yawa não foi fácil como se pode depreender das informações presentes no parágrafo anterior. Sofria violência doméstica, tendo em vista que seu esposo a maltratava, sobretudo sob o uso de álcool, entretanto os membros da comunidade achavam normal e, por isso, não se envolviam no que hoje é considerado um problema social sério; é um caso de violência. Contudo, apesar desse sofrimento, Peyrani tornou-se uma mulher guerreira e batalhadora, ajudando a construir parte do que é a Terra Indígena Katukina/Kaxinawa e, mais particularmente, ajudou a construir a aldeia Morada Nova, principalmente no que se refere à produção de sentidos em torno do que é considerado cultura Shanenawa.

Peyrani aprendeu com Fakaynu: a doença, a cura e o desabrochar para os saberes Shanenawa em relação com saberes outros

Peyrani criou seus seis filhos com muitas dificuldades. Matsiani, a partir de uma leitura contemporânea das relações construídas entre Peyrani e Yawa, considera que essas relações eram “abusivas” nas produções de sociabilidades que construía entre si, com a família e com outros membros da comunidade Shanenawa. Essas relações, tidas como “abusivas” para Matsiani, começaram a cessar quando os filhos de Peyrani cresceram, embora para essa última o seu envolvimento com Yawa – ou que pode ser compreendido como relações permeadas por violência – era considerado algo que não era problematizado, comuns nas relações entre mulheres e homens Shanenawa. Em relação à questão de relações serem “abusivas” ou não, as práticas culturais de envolvimento entre homens e mulheres Shanenawa se construía por meio de possibilidades do que, nas construções históricas do povo Shanenawa, eram tidas como possíveis.

Ainda em relação a construções de saberes em períodos históricos delimitados, os saberes indígenas são “modos de produzir inovações e transmitir conhecimentos por meio de práticas específicas” (Gallois, 2000, p. 57). Assim, Peyrani, mesmo sendo mulher, produzia ações que não eram consideradas femininas entre os Shanenawa. Ela mesma levava os filhos para brocar (capinar) roçado, plantar banana e outros tipos de elementos de roça; levava os filhos para caçar com cachorro na mata, matava tatu, paca e cutia; pescava de tinguí⁵ no igarapé, pegava curimatã, mandi, piau, sabarú e piaba loura (esses cinco elementos são tipos de peixe), além de fazer a comida dos filhos.

Desse modo, com essas atividades, observa-se que a divisão de gênero no tocante às práticas de atividades diárias são complexas, o que não é possível de ser analisada profundamente apenas se considerando as atividades produzidas por Peyrani. Citar as ações dessa anciã Shanenawa neste artigo faz sentido, a nosso ver, porque se trata de uma matriarca que é uma das fundadoras da Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, cujas produções de sociabilidades não se identificam com os estereótipos criados em torno de mulheres indígenas: homens fazem caça e pesca e mulheres cuidam do roçado e do cotidiano de casa (Maizza; Oliveira, 2022). Peyrani é mais do que, exatamente, o que ela

⁵ Um tipo de planta que é jogada no rio para neutralizar os peixes e, assim, facilitar a pesca.

produzia enquanto mulher Shanenawa: ela ajudou a produzir o que hoje é considerado saberes Shanenawa, daí a sua importância para o povo em tela.

Questões de saúde, a inter-relação com pessoas não indígenas e o início de atividades como mulher pajé e liderança política

Quando os filhos de Peyrani se tornaram adultos, ela ficou doente e teve de viajar para Rio Branco, capital do Acre, passando cerca de seis meses em tratamento médico, devido a uma tuberculose. Durante esse tempo, ela deixou seus filhos aos cuidados de outras mulheres indígenas na aldeia. Mesmo assim e ainda muito doente, Peyrani, preocupada com seus filhos, tendo em vista que ela ainda estava em tratamento, conseguiu passagem para voltar a Feijó, mais precisamente para a aldeia Morada Nova, local em que morava com os filhos. Após retornar de Rio Branco, passou três meses na aldeia até adoecer outra vez. Teve de ir à capital acreana outra vez e passou um longo período longe dos filhos, cerca de um ano e seis meses. Quase faleceu, tendo emagrecido muito. Dessa vez, quando estava sendo tratada na Casa de Saúde Indígena (CASAI), um indígena falou para Peyrani e para Yawa, que a acompanhava, que o caso dela não era para ser tratado por médicos Nawa, pois era algo espiritual. Como Peyrani e Yawa estavam em Rio Branco, esse último procurou um benzedor⁶ – que segundo Matisani, Peyrani não deu muitos detalhes sobre a pessoa responsável pelo tratamento espiritual pelo qual ela passou. A questão era séria, tanto é que, segundo o benzedor, se Peyrani continuasse sendo cuidada por Nawa, ela morreria.

Após a conversa de Yawa com o homem benzedor sobre a situação de Peyrani, Yawa voltou para CASAI, conversou com os enfermeiros, mas eles não a deixaram sair para outro lugar devido ao seu estado grave de saúde. Mesmo assim, Yawa tirou Peyrani do local, sem consentimento da equipe de saúde, e a levou até o local indicado pelo benzedor que, já no local indicado, explicou que havia espíritos querendo se apossar do corpo de Peyrani para adquirir suas energias, sendo um deles o Alzira, tia de Peyrani, que havia falecido há quase seis meses. Se seu esposo pagasse – o trabalho seria remunerado –, o benzedor iria colocar uma corrente espiritual em Peyrani para trabalhar como seu

⁶ Chamaremos de benzedor, considerando que Peyrani, ao relatar o caso para Matsiani, não deixou evidente quem era o homem que a ajudou espiritualmente.

mentor espiritual. O homem explicou que eram mais de três espíritos querendo “entrar no corpo” de Peyrani, por isso ela não estava suportando toda a energia, o que fazia com que seu corpo físico ficasse doente. Caso Yawa não pagasse, o homem benzedor iria cortar a corrente espiritual e Peyrani poderia morrer, porque outros espíritos poderiam “sugar suas energias”. Então, Yawa pagou o trabalho e solicitou a corrente de Peyrani. Depois disso, seu corpo começou a reagir bem ao tratamento aos poucos. A questão é que, pelos relatos de Peyrani, ela ainda não estava acostumada com as demandas espirituais oriundas de sua espiritualidade iniciada na infância. Após melhorar de saúde, Peyrani entendeu que precisava se dedicar à vida espiritual e, por isso, começou a se preocupar com a questão, pois entendeu que sua espiritualidade tinha relação com que os ensinamentos que seu pai Fakaynu, bem como seus irmãos e tios a haviam ensinado.

Peyrani: espiritualidades e os ensinamentos dos saberes

A doença de Peyrani foi um indício para que ela observasse e cuidasse⁷ do seu lado espiritual e, desse modo, tivesse uma maior relação com a pajelança Shanenawa. Desde pequena, segundo seus relatos para (uma das autoras do texto), Peyrani via seres espirituais, o que fazia com que sua família entendesse que ela poderia ser uma pajé, embora, tradicionalmente, essa função fosse considerada masculina. Mesmo sendo mulher, seus parentes, como irmãos ensinaram-na os segredos das matas, passando-lhe informações específicas sobre a medicina da floresta. Todos os dias, seus irmãos chamavam-na para ir ao roçado e, nesse local, mostravam a ela tipos de ervas em que a explicavam as suas utilidades. Ao longo do tempo, ela foi aprendendo e, por isso, foi reconhecida pelos indígenas de sua comunidade como pajé.

Com o passar do tempo, a própria Peyrani chamava algumas de suas filhas para procurar as ervas medicinais. Desse modo, Peyrani começou a produzir trabalhos espirituais com os mais diversos objetivos, dentre eles, o medicinal. Assim, tornou-se uma pajé conhecida por todos da aldeia e também fora da aldeia. Ela era reconhecida como uma grande pajé do povo Shanenawa. Aos poucos, suas duas primas Yaka e Maxi foram aprendendo os segredos da mata com Peyrani. Admiradas com as formas que a

⁷ Forma de se referir a quem necessita ter uma relação mais específica com questões espirituais.

então pajé lidava com as questões espirituais, Yaka e Maxi começaram a aprender com Peyrani a fazer tratamento nas pessoas doentes. Aos poucos, as duas começaram a fazer atividades semelhantes às de Peyrani se tornando pajés também, o que demonstra que entre os Shanenawa, as atividades de pajelança, ao longo do tempo, não ficaram restritas aos homens.

Peyrani, antes de falecer, fazia rezas espirituais durante à noite. Essas atividades não eram restritas a conhecimentos advindos de seu Yawa, mas também tinha relação com ações religiosas que aprendeu com os Nawa e com outros Shanenawa Yura⁸, em uma demonstração de como a pajelança Shanenawa tem inter-relações com diversos saberes, desde os ensinados por Yawa, a saberes advindos de pessoas não indígenas que, de algum modo, teceu relações com Peyrani. Suas rezas consistiam, muitas vezes, em curar males das pessoas, sejam quais eles fossem. Nessa prática, ela caminhava até a mata, retirava as ervas medicinais para as pessoas tomarem banho com elas ou para fazer chás, além de cozimentos específicos e garrafadas (um tipo de chá inserido em uma garrafa) que é muito conhecido, inclusive, entre pessoas não indígenas.

Viajava muito como pajé para vários lugares do Acre e do Brasil para realizar atividades de pajelança. Além de pajé, Peyrani se tornou uma forte liderança feminina entre os Shanenawa. Ela era uma mulher que reivindicava os direitos dos povos indígenas em todos os lugares que viajava e conversava com as pessoas em diferentes situações, com autoridades políticas e, por isso, era vista como uma mulher de atitude que gostava de participar de reuniões para tratar dos mais variados assuntos.

Para (uma das autoras do texto), a partir do que explicou Peyrani, a liderança política foi adquirida por meio de Fakaynu, conhecimentos de saber lidar com as pessoas e discutir os mais variados assuntos, sobretudo os que interessavam aos Shanenawa, como, por exemplo: conversar em reuniões, receber as pessoas na casa de seu pai quando era cacique, falar em público entre Shanenawa e Nawa etc. Devido a essa forte liderança, quando Fakaynu deixou de ser cacique, e, então, Militão passou a ser cacique, ele escolheu as pessoas de sua confiança para ajudar na aldeia Morada Nova. O cacique escolheu a Peyrani para ser representante das mulheres na comunidade. Os indígenas de Morada Nova consideraram que Peyrani fez um bom trabalho e, com dois anos de

⁸ Yura: pessoas/gente.

representação feminina da aldeia, ela foi convidada pela organização da Organização dos Povos Indígenas do rio Envira (OPIRE) para representar a organização das mulheres indígena do Juruá, mas ela não aceitou o convite, pois ela queria representar, somente, os povos Shanenawa. Na aldeia Morada Nova, as pessoas lhe admiravam muito por ser uma mulher corajosa; falavam que ela não tinha medo de nada. Com a liderança de Peyrani frente às mulheres, diversos aspectos culturais foram criados e ressignificados por ela e, como forma de manutenção de uma perspectiva de culturas Shanenawa, Peyrani começou a incentivar a produção de atividades nas escolas das comunidades Shanenawa, bem como auxiliar a produção dos festivais, que hoje são considerados um dos eventos mais importantes das aldeias Shanenawa na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa que são tidos como importantes, o que o povo considera como uma forma de se destacar frente aos Nawa e a outros povos acreanos⁹. Os festivais, bem como outras atividades incentivadas por Peyrani que são reconstruídas por novas gerações como formas de existências Shanenawa.

Entre pajé espiritual e mestra das práticas dos saberes Shanenawa

Ao longo da história de formação do que hoje é compreendido como povo Shanenawa, as chamadas práticas culturais, pelo menos aquelas criadas de maneira a atender a objetivos específicos¹⁰, foram sendo construídas.

Nesse sentido, devido a questões históricas de esfacelamento de povos indígenas nas amazônias, e, nesse sentido, com a perspectiva de se discutir elementos advindos do que contemporaneamente é entendido como Shanenawa, Peyrani é considerada uma matriarca que desenvolveu discursos de manutenção e de resgate cultural. Segundo (uma das autoras do texto), foi Peyrani que incentivou, após um longo período de tempo, as mulheres a se pintar, a cantar, a fazer vestimentas específicas, tais como: saia de malva¹¹, sutiã de chila¹² e produção de acessórios como: brinco, cordão, chapéu, abano, paneiro

⁹ No Acre, há cerca de 18 povos indígenas de três família linguísticas distintas: Pano, Aruak e Arawa.

¹⁰ Essa afirmação é com base em uma perspectiva semiótica de cultura (Gueertz, 1989) em que, para se manterem existentes, sobretudo em sociedades discriminatórias, aspectos tidos como culturais precisam ser destacados ou tido como culturais (Cunha, 2009). Entendemos que é o que vem ocorrendo no Acre, por meio dos chamados festivais indígenas.

¹¹ Um tipo de árvores em que são tirados filamentos para a construção das saias

¹² Um tipo de palmeira, cujas folhas são usada para fazer o sutiã.

para carregar banana, vaso de barro, preparação do jenipapo e urucum. Na parte dos homens, outro pajé Amaral Brandão, Shuayne seu tio, também começou a incentivar os homens a participar de reuniões para tratar sobre questões específicas do grupo, a dançar o Xikari¹³ e, nesse sentido, as atividades construídas ao longo do tempo por Peyrani e por outros anciãos como Shuyane foram sendo ressignificadas e tidas como sendo Shanenawa, até pela abordagem geral que os Shanenawa têm em compreender que as anciãs e os anciãos falavam eram considerados elementos importantes para se criar uma perspectiva de cultura Shanenawa.

Nessa perspectiva, as mulheres começaram a praticar cantos em reuniões e em outros lugares, por exemplo, e a criar outros cantos incentivados por Peyrani. Contudo, apesar do incentivo da matriarca, era difícil para as mulheres interagirem entre si e a se expressar nas reuniões por vergonha ou por outros motivos específicos. Às vezes, o cacique mandava Peyrani fazer abertura com as rezas para expulsar todos os espíritos ruins que estavam naquele espaço. Quando participava de reunião, levava sua neta a já referida Matsiani para ouvir as pessoas se expressando em público. Nas escolas, os professores chamavam Peyrani para ensinar os alunos a preparar tintas que, contemporaneamente, é considerado importante para o povo Shanenawa, o que demonstra a importância das escolas Shanenawa para a disseminação dos aspectos culturais construídos pelos Shanenawa.

Peyrani conduzia Maxi e Yaka para as atividades relacionadas a aspectos culturais e, assim, as ensinava ofícios que a própria Peyrani considerava como sendo um elemento tradicional Shanenawa como ralar jenipapo e fazer referência ao espírito do macaco para a tinta ficar preta igual ao pelo do animal. Quanto ao urucum, para obtenção de outros tipos de cores, as mulheres observam o vegetal desde a colheita e até a apuração final que passa em torno de cinco horas sob fogo para chegar no ponto desejado.

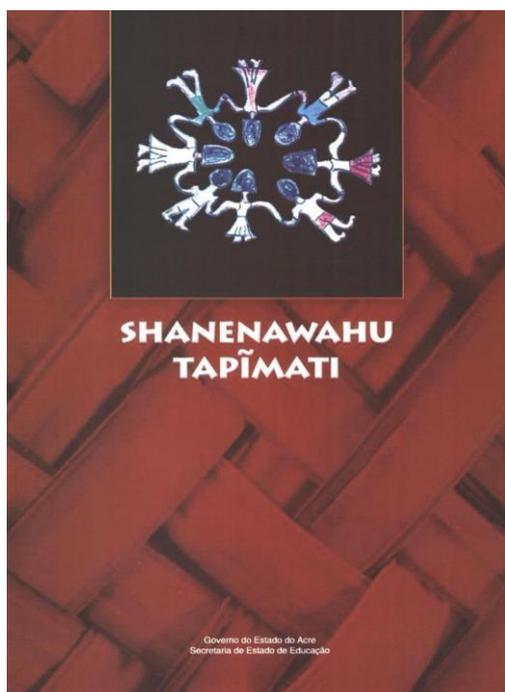
Peyrani, como estamos falando neste texto, é considerada uma mulher importante entre os Shanenawa, mas as mulheres desse povo como um todo têm funções fundamentais nas casas, nas escolas e nas comunidades de diferentes formas. São elas que têm de cuidar das casas, dos filhos, além da produção da comida, da lavagem de roupa,

¹³ Xikari é um momento, constituído por danças e outras atividades, em que as pessoas Shanenawa se reúnem para celebrar algo importante.

do carregamento de água e de elementos como produção de artesanatos relacionados a chila, a malva, com produção de barros.

Na escola, os professores chamavam Peyrani, Maxi e Yaka para ensinar as pronúncias das músicas Shanenawa; elas cantavam e os professores e os alunos repetiam fazendo a segunda voz. De acordo com o Projeto Político da Escola Tekahayne, localizada na aldeia Morada Nova: “o povo Shanenawa [...] considera a escola uma instituição importante na ação de revitalização e fortalecimento da língua e da cultura [...]” (ACRE, 2011, p. 17). (uma das autoras do texto) afirma que Peyrani sempre estava disposta a compartilhar os seus conhecimentos com os professores e, por isso, Peyrani¹⁴ participou da elaboração do Projeto Político Shanenawa, além da construção de livros Shanenawa, em parceria com o Governo do Estado do Acre, que até o momento são usados nas escolas, como o livro Shanenawahu Tapĩmati, conforme podemos ver a capa na Imagem 1 a seguir:

Imagem 1: Capa do livro Shanenawahu Tapimati

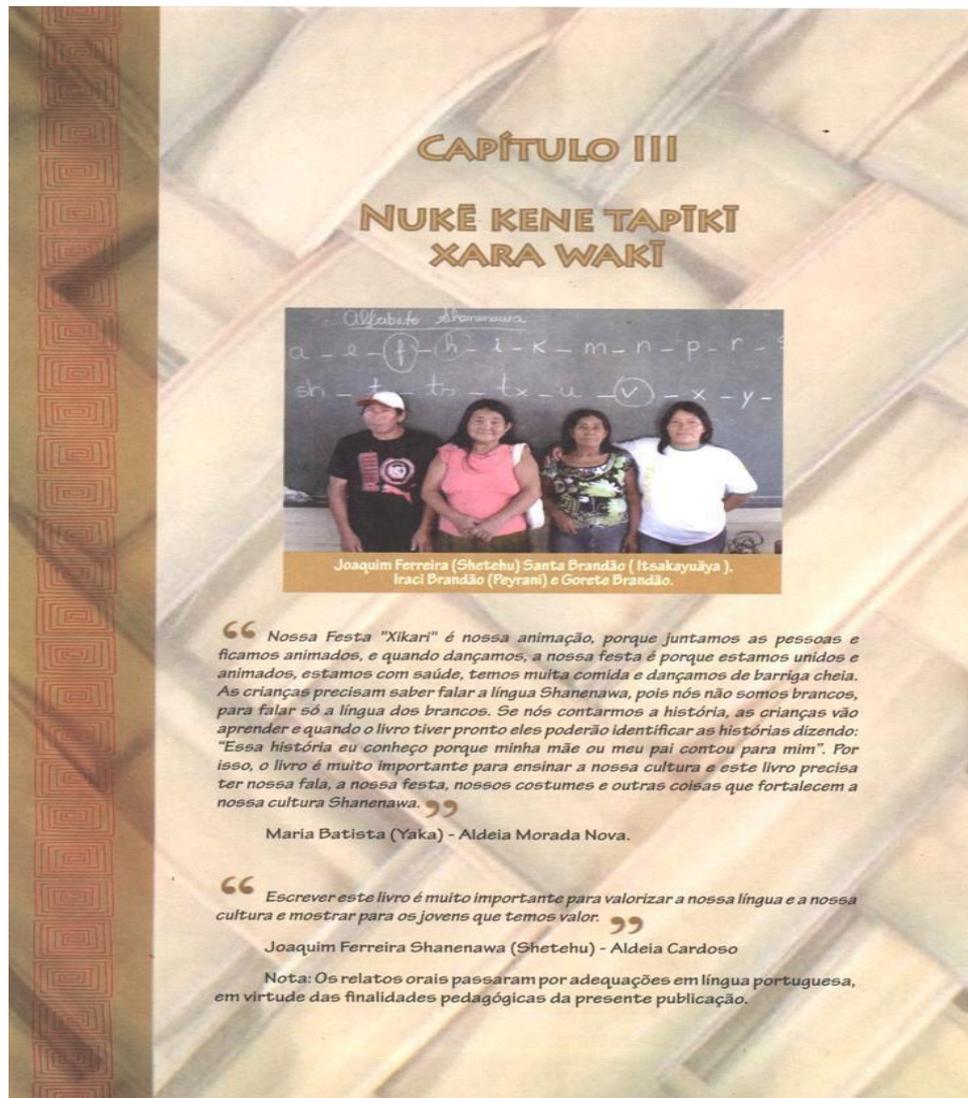


¹⁴ Juntamente com os professores Shanenawa, Peyrani, Yaka, Maxi e Shuyane – que atualmente vive em outra aldeia – foram os anciãos da aldeia Morada Nova que com outros anciãos de outras aldeias do povo Shanenawa, além de indígenas agentes agroflorestais, parteiras, caciques, indígenas agentes de saúde e agentes de saneamento básico elaboraram em 2006 a primeira versão do Projeto Político para a Escola Tekahayne e que elaboraram o livro Shanenawahu Tapĩmati.

Fonte: (uma das autoras do texto)

Na imagem 2, encontram-se seu Joaquim Shanenawa Shetehu, dona Santa Batista, dona Iraci Brandão, a Peyrani, e dona Maria Gorete respectivamente:

Imagem 2 – Uns das anciãs e dos anciãos Shanenawa que participaram da construção do livro Shanenawahu Tapimati



Fonte: (uma das autoras do texto)

Na Imagem 2 acima, Peyrani encontra-se na terceira posição da esquerda para a direita. Ela, assim como as outras anciãs e os outros anciãos foram fundamentalmente importantes para a construção de materiais didáticos que, dentre outros objetivos, pretendem ser uma maneira de se estudar a língua Nuku Tsây e os aspectos culturais produzidos por meio das memórias dos narradores Shanenawa como Peyrani.

Entre outros saberes: de parteira à formadora de novas lideranças

Peyrani foi também uma das parteiras do povo Shanenawa e ensinou outras mulheres Shanenawa a fazer partos na aldeia Morada Nova e em outras aldeias desse povo na Terra Indígena Katukina/kaxinawa, inclusive participando de reuniões em que se ensinava sobre partos para membros de outros povos como os Huni Kuin, cuja parte do grupo divide a terra com os Shanenawa. De acordo com (uma das autoras do texto), antes de falecer, o último parto realizado por Peyrani foi de seu neto Meshukayni¹⁵ e de seu bisneto Pesh¹⁶ em 2014, na aldeia Morada Nova. Durante as gravidezes das mulheres da aldeia, Peyrani fazia todos os procedimentos de acordo com o que ela compreendia como sendo próprio de suas ancestralidades: dirigia-se para a floresta junto com seu esposo Yawa para colher as ervas medicinais para as mulheres terem um parto tranquilo; após o nascimento das crianças, havia o cuidado com as mães e os bebês, porque os pais tinham de fazer determinadas dietas, como por exemplo: o pai ou mãe quando fossem comer peixe ou carne, esses alimentos tinham de ser bem assados só na brasa, além de não poderem comer peixe de couro como: mandi, surubim e camisa de meia.

Todos esses conhecimentos, Peyrani adquiriu com seus familiares, mesmo eles não sabendo que ela os usaria para marcar posições políticas do povo Shanenawa em diferentes frentes, inclusive para demarcação de território. Hoje seus filhos e netos estão dando continuidade ao seu trabalho, tais como sua filha Nây Kasha e Yuva que aprenderam com Peyrani a falar a língua Nuke Tsây e agora o ensina aos que não mais falam essa língua; Yxapãñã que aprendeu com sua mãe os segredos das ervas medicinais, além de artesanato e de um conjunto de histórias que fazem parte da cosmologia Shanenawa, bem como a língua Nuke Tsây. Como professora na escola Tekahayne,

¹⁵ Meshukayni: (magro), Ni (mata).

¹⁶ Pesh: algo muito bom quando está balançando.

Yxapãã ensina esses conhecimentos para seus alunos (Shanenawa, 2024); Tamãwa, que assim como sua irmã Yxapãã, aprendeu sobre ervas medicinais com Peyrani e sobre histórias Shanenawa com seu pai; suas netas que, ao participarem de reuniões juntamente com a avó, aprenderam a reivindicar os direitos do povo e, por isso, estão se tornando importantes lideranças na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa e, mais precisamente, na aldeia Morada Nova.

Para as mulheres na aldeia Morada Nova, Peyrani era o espelho da comunidade. Antes de morrer, ela passou parte de seu conhecimento como pajé para o neto que ela criava, o Tekahayni ¹⁷ - assim como para Yaka e Maxi, conforme já comentado neste texto – desde quando ele tinha oito anos de idade, afirmando o seguinte: “vou preparar você para ser pajé, porque, quando eu morrer, os parentes e as demais pessoas vão debochar de você e de sua cara, vão falar que você não é de nada”. Então, Peyrani começou a preparar Tekahayni para o mundo espiritual e medicinal: “é para você fazer algo com essas pessoas que ficam rindo de você, para eles te respeitar”. Tekahayni pratica desde oito anos de idade a sabedoria das ervas medicinais. Também antes de Peyrani falecer, ela falou para Tekahayni: “é uma herança de sua mãe. Ajude sempre as pessoas que vier atrás de você para curar.” Atualmente, Tekahayni é um jovem de vinte e três anos que realmente valorizou os ensinamentos de sua avó, ainda continua fazendo trabalhos espirituais durante as sessões de Uni (Ayhuasca), ajudando as pessoas que necessitam dentro e fora da aldeia Morada Nova.

Considerações finais

Atualmente, os Shanenawa, inclusive por meio de trabalhos acadêmicos de indígenas desse povo que estão entrando em espaços universitários e produzindo uma série de pesquisas com foco em aspectos linguísticos e socioculturais do povo (Barbosa, 2022, Shanenawa, 2022, Shanenawa 2024), mais particularmente com dados advindos da aldeia Morada Nova, se basearam em conhecimentos construídos por anciãos Shanenawa, principalmente os conhecimentos que Peyrani compartilhava que, como informou Matsiani Shanenawa, não tinha qualquer problema em compartilhar os seus

¹⁷ Tekahay (passou ou picou) Ni (mata).

conhecimentos com outras pessoas de seu povo e com pesquisadores, mesmo sendo Nawa.

A aldeia Morada Nova produz, todos os anos, um festival em que se celebram as bonanças do ano e também é o momento em que os Shanenawa, por meio do festival do Matxu (Barbosa; Shanenawa; Souza, 2024) em celebração à macaxeira – importante alimento para os Shanenawa e para os povos amazônicos em geral – marcam posições socioculturais e políticas e afirmam para os Nawa e para os outros povos indígenas que eles têm “culturas” e as celebram, produzindo sociabilidades e formas de existências, um legado deixado pela matriarca Peyrani Shanenawa e outros anciãos.

Dessa forma, retomando o objetivo deste trabalho que reproduzimos aqui: “analisar, por meio dos registros das memórias produzidas por Peyrani a Matsiani Shanenawa, sua neta (criada como filha), as influências dos conhecimentos relatados nas formas de produções culturais historicamente constituída entre os Shanenawa.”, entendemos que os sentidos construídos, ao longo do tempo pelo povo Shanenawa, advém de memórias narradas por anciãs e anciãos, sendo Peyrani um dos personagens principais da identificação dos Shanenawa que em consonância com o uso da linguagem e, dessa forma, produzindo sentidos, se afirmam como povo diferente de outros existentes no Brasil e, particularmente, no Acre. Eis o legado de Peyrani Shanenawa.

Referências

ACRE. Secretaria de Estado de Educação e Esporte – **Projeto Político-Pedagógico Shanenawa** – Versão Preliminar, Rio Branco: SEE, 2011.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; SOUSA, Marcio Barradas. Saberes Culturais. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; PACHECO, Agenor Sarraf. **Uwakürü**: dicionário analítico. Rio Branco: Nepan Editora, 2016, p. 231-251.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. De Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 26, n. 62/1, p. 295–310, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4996>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BARBOSA, Edilene Machado. **Os saberes das parteiras e das mulheres pajés na aldeia Morada Nova do povo Shanenawa (Terra Indígena Katukina/Kaxinawá) em**

Feijó/AC: linguagens e produções identitárias. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, p. 112, 2022.

BARBOSA (Pakakuru), Edilene Machado; SHANENAWA (Purumã), Eldo Carlos GOMES BARBOSA; SOUZA, Shelton Lima. Matxu e atsa: produção de sentidos sobre alimentação Shanenawa na Aldeia Morada Nova na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa. **Jamaxi**, v. 7, n. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/7669>. Acesso em: 26 jun. 2024. BOSI, Ecléa. (1994). **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas:** e outros ensaios. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

GALLOIS, D. T. Sociedades indígenas e desenvolvimento: discursos, práticas, para pensar a tolerância. In: GRUPIONI, Luís Donisete.; VIDAL, Lux Boelitz; FISHMANN, Roseli. **Povos indígenas e tolerância:** construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: Edusp, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** São Paulo: LTC, 1989.

HOBSBAWM, Erik.; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MAIZZA, Fabiana; OLIVEIRA, Joana Cabral. Narrativas do cuidar: mulheres indígenas e a política feminista do compor com plantas, **Mana**, 28, V. 2, p. 1-33, 2022.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização.** São Paulo: Loyola, 1979.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Trad. de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PESCA, Adriana Barbosa; FERNANDES, Alexandre Oliveira; KAYAPÓ, Edson. POR UMA ESCRITA INDÍGENA: Meu ser, minha voz, minha autoria. **Revista PINDORAMA**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. p. 187–201, 2020. Disponível em: <https://publicacoes.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/830>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

Secretaria de Estado do Acre. **Shanenawahu Tapīmati.** Rio Branco: SEE, 2011.

SHANENAWA, Eldo Carlos Gomes Barbosa. **“Os novos não falam a Nuke Tsāy, querem ser não indígenas”:** usos linguísticos e possibilidades de (re)existências linguísticas do povo Shanenawa da Terra Indígena Katukina/Kaxinawa (Aldeia Morada Nova). Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, p. 109, 2022.

SHANENAWA, Maria Abijicélia Brandão da Silva. **Saberes, trajetórias e práticas pedagógicas de professoras Shanenawa**. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade) – Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre. Rio Branco, p. 78, 2024.

Recebido em 26/06/2024

Aprovado em 07/08/2024